

DESVENDANDO A TUMBA 10A: FORMAS DE ENTERRAMENTO E ENXOVAL FUNERÁRIO NO INÍCIO DO REINO MÉDIO¹

Liliane Cristina Coelho²

Introdução

Morrer, para um egípcio antigo, não representava o final de um ciclo vital, mas o início de uma nova vida junto aos deuses. Todos desejavam ter um bom enterro e, quando as possibilidades existiam, iniciavam a construção de uma tumba, que seria sua “casa de eternidade”.

Grande parte do que restou da cultura material do Egito antigo refere-se aos conteúdos que foram encontrados nestas tumbas. A construção de um túmulo era um dos requisitos básicos para que o indivíduo pudesse renascer no outro mundo – fazia parte dos rituais que incluíam também a mumificação e a cerimônia do enterro. Ao longo da história egípcia, estruturas diferenciadas foram construídas para abrigar o corpo físico dos indivíduos. Para os reis, filhos do sol e representantes do deus na terra, era necessário construir grandes estruturas. Já as pessoas de níveis sociais mais baixos eram enterradas em covas rasas, no deserto, tendo como enxoval funerário apenas uma esteira que cobria o seu corpo e, por vezes, vasos e outros recipientes de cerâmica.

No caso de indivíduos pertencentes a níveis sociais mais altos, como aqueles da elite, estas “casas de eternidade” eram equipadas com todos os artefatos que fossem necessários para que o morto pudesse ter uma vida confortável no Outro Mundo, semelhante àquela que levava na terra. É possível, então, traçar uma diferenciação social por meio dos artefatos encontrados em um enterramento, que se particularizam dependendo das condições sociais dos indivíduos. Dentre estes objetos, encontramos, por exemplo, estelas funerárias e estátuas de grupos familiares e, dependendo da época a que nos referimos, os mais diversos objetos de uso funerário e cotidiano.

Os objetivos deste trabalho, então, são verificar que tipo de enxoval funerário está associado às tumbas egípcias do início do Reino Médio (c. 2040-1640 a.C.)³, e discutir a diferenciação social que pode ser levantada por meio da análise das mesmas. Partiremos, desta forma, para uma descrição das formas e dos conteúdos dos túmulos deste período, dando ênfase àqueles nos quais foram encontrados modelos de madeira de atividades do cotidiano.

Formas de enterramento e enxoval funerário no início do Reino Médio

As formas de enterramento e as estruturas construídas para guardar o corpo físico dos falecidos variaram ao longo da história egípcia. No Reino Antigo, por exemplo, os reis mandavam construir pirâmides para abrigar os seus corpos. Os nobres, na mesma época, construía mastabas, que eram decoradas com cenas relacionadas à vida do indivíduo. Durante o Primeiro Período Intermediário (c. 2134-2040 a.C.) as estruturas funerárias se diferenciaram, tornando-se comuns as tumbas escavadas na rocha, e com a reunificação das Duas Terras levada a cabo por Nebhetepre Mentuhotep II as formas de enterramento não mudaram muito. Algumas tumbas mais simples, descritas como sendo do Primeiro Período Intermediário, na realidade pertencem a este período inicial do Reino Médio (GRAJETZKI, 2007, p. 39). Trata-se aqui das chamadas tumbas-*saff*, que consistiam em uma estrutura escavada na rocha, com fileiras de pilares posicionados à volta de um grande pátio trapezoidal, e que formavam os frontões distintos de cada uma das capelas da tumba.

Nesta época, o enxoval funerário presente nos túmulos da elite é composto geralmente por um conjunto de modelos de madeira, pequenas estátuas de madeira do proprietário, mulheres portadoras de oferendas e modelos de barcos. Esta, porém, não é uma regra. Há tumbas de elite que não contêm estes modelos, assim como eles são encontrados em sepulcros relativamente pequenos. Um exemplo deste fato é um enterramento em Saqqara, no qual os únicos bens funerários encontrados foram um travesseiro, um par de sandálias e, em um nicho, um conjunto de modelos de madeira (GRAJETZKI, 2007, p. 42). Itens como joias, vasos canópicos, armas, objetos para cosméticos, bastões e cetros cerimoniais aparecem esporadicamente nestes enterramentos.

Uma tumba bastante interessante deste período é a que pertencia ao grande intendente e chanceler Meketre. O túmulo já havia sido explorado por duas vezes, em 1895 e 1902, quando, em 1920, o arqueólogo Herbert Eustis Winlock, do Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque, resolveu retomar as pesquisas no local. Winlock foi o primeiro a fazer um plano da tumba, traçando um mapa dos corredores e poços, que foi publicado em seu relatório de escavação (WINLOCK, 1955, pl. 54). Porém, tudo o que encontraram durante a operação de limpeza foram pedras quebradas e cascalho. Uma noite, no entanto, o que Winlock descobriu o deixou fascinado: iluminando uma fenda, deitado no chão, ele viu-se “olhando no meio de uma infinidade de figuras de homenzinhos, brilhantemente pintadas, que faziam isto e aquilo” (WINLOCK, 1955, p. 3). O que haviam descoberto no dia 17 de março de 1920 não era uma câmara funerária, como imaginavam, mas um

pequeno quarto, onde fora colocado tudo o que Meketre precisaria no outro mundo. A parte ali mantida do enxoval funerário consistia em 24 pequenos conjuntos, que representavam “oito modelos de casa, doze modelos de barcos, duas grandes figuras de portadores de oferendas e um grupo de quatro pequenas, e uma cena enorme de Meketre inspecionando um desfile de seu gado” (WINLOCK, 1955, p. 13). Dentre as maquetes de casa contam-se seis “cenários” que mostram o desenvolvimento de atividades domésticas, como a tecelagem e a fabricação de pão e cerveja, e dois modelos da casa de Meketre.

Ainda com relação a estes modelos, algumas descobertas interessantes foram realizadas pela Missão Arqueológica Italiana, em escavações dirigidas por Ernesto Schiaparelli e Giulio Farina entre os anos de 1905 e 1937 em Assiut e Gebelein, no sul do Egito⁴. Na região de Gebelein, as tumbas das XI e XII Dinastias são caracterizadas por um pátio e um pórtico com pilastras que dá acesso a uma série de câmaras escavadas na montanha. A câmara central tem a função de capela, enquanto as outras são utilizadas como depósitos. Um ou dois poços levam à câmara funerária, situada no subsolo (DONADONI, 1996, p. 249). Uma tumba deste local encontrada intacta guardava o enxoval funerário de Ini, que possuía os títulos de Tesoureiro do Rei do Baixo Egito, Companheiro Único, Grande Chefe do Nomo, e Superintendente dos Sacerdotes do Templo de Sobek, Senhor de Sumenu (DONADONI, 1996, p. 249). A tumba é constituída por uma pequena câmara ao fundo de uma galeria escavada na rocha. Nela, foram encontrados um sarcófago, um travesseiro, um par de sandálias de couro, muitos vasos em terracota, cerca de 300 cestas confeccionadas em palha, dois modelos de barcos funerários, um modelo de um celeiro e outro de uma cozinha, uma pele de vaca e uma estatueta de madeira de Ini.

Em Assiut, a mesma equipe escavou algumas tumbas rupestres com uma grande quantidade de modelos em madeira e que continham estátuas dos proprietários, também em madeira, muito bem executadas (DONADONI, 1996, p. 237-8). Todas pertenciam ao Primeiro Período Intermediário e ao Reino Médio, mas seu conteúdo não pôde ser devidamente separado em função da falta de informações sobre sua origem exata nos relatórios da escavação.

Por meio da análise dos materiais que compunham o enxoval funerário dos proprietários das tumbas aqui descritas, escavadas pela Missão Arqueológica Italiana, é possível deduzir que estas pertenceram a personagens que faziam parte de um estrato social mais alto. Poucos são os dados existentes sobre as tumbas de pessoas menos

abastadas nestes cemitérios provinciais, pois os arqueólogos que realizaram as escavações nestes locais estavam mais interessados em obter objetos de valor artístico para as coleções dos museus do que em realmente entender a sociedade egípcia como um todo. Poucas escavações realizadas em cemitérios do Reino Médio levaram em conta tumbas pequenas e muitas vezes sem enxoval funerário, especialmente por terem sido saqueadas. Muitos destes enterramentos sequer foram descritos e registrados nos relatórios de trabalho, o que dificulta sobremaneira o levantamento da porcentagem de túmulos menores em relação aos maiores em todas as regiões do Egito.

Outra tumba onde foram encontrados modelos de madeira está localizada em um cemitério “residencial”, ou seja, aquele construído próximo à cidade da residência real. No início da XII Dinastia, com a mudança da capital para Itjtiauí, os cemitérios da corte foram deslocados de Tebas para Lisht, e isto levou a uma mudança no padrão das tumbas. A mastaba voltou a ser a forma mais utilizada pela nobreza e está presente em uma quantidade razoável nos cemitérios destes locais (GRAJETZKI, 2007, p. 43). Pela importância das tumbas privadas que estão na vizinhança da pirâmide de Senusret II, em Lahun, é evidente que oficiais de alto cargo foram enterrados nelas. No entanto, apenas duas ou três⁵ conservaram os nomes dos ocupantes, e pouco material da XII Dinastia foi nelas encontrado (PETRIE *et al*, 1923, p. 26). Uma dessas tumbas pertenceu ao “Supervisor de todos os trabalhos do rei nas terras de suas fronteiras” Inpy (tumba 620). Esta se localiza a menos de um quilômetro a oeste da pirâmide de Senusret II, e é a mastaba com construção mais elaborada encontrada na região.

Uma das tumbas cujo nome do possível proprietário foi encontrado é a identificada pelo número N17. Esta se localiza a uma pequena distância do túmulo de Inpy, e seu acesso é por meio de uma passagem inclinada, que leva para a superfície de uma câmara cortada na rocha com uma segunda sala a oeste (PETRIE *et al*, 1923, p. 33-4). É a única tumba da necrópole onde foram encontrados modelos de madeira (PETRIE *et al*, 1923, p. 34; QUIRKE, 2005, p. 27) e, devido a este achado, Brunton, quando da escavação da tumba, concluiu que a prática de depositar modelos de madeira nos túmulos já não mais existia à época de Senusret II. Para ele, este pode ser, então, um dos primeiros enterramentos realizados na necrópole após a escolha do local para abrigar o complexo funerário real (PETRIE *et al*, 1923, p. 34). O nome do possível proprietário se encontra na base de uma das estatuetas de madeira localizadas na tumba (UC6641), e que é mostrada na figura 1:

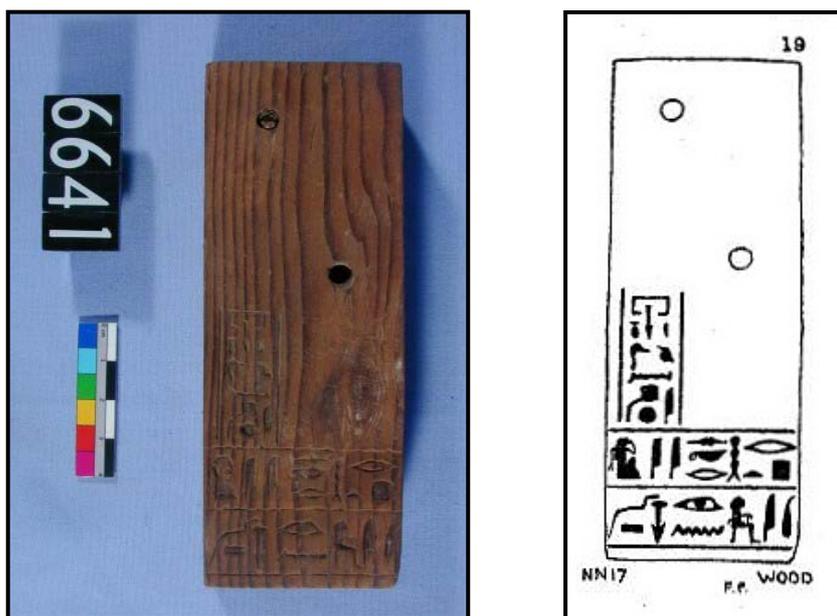


Figura 1: Base de estatueta de madeira e desenho de linha mostrando o texto em hieróglifos. Referências: Fotografia do artefato: Petrie Museum of Egyptian Archaeology. Disponível em: <http://www.petrie.ucl.ac.uk/index2.html> Acesso em: 10out08. Desenho de linha: QUIRKE, Stephen. Lahun: a town in Egypt 1800 BC, and the history of its landscape. London: Golden House Publications, 2005, p. 27.

Inscrição na base do modelo de tumba⁶:



prt-hrw t hnkt k3w 3pdw n im3hw r pth skr iti ir n w3d

Invocação de oferendas em pão e cerveja, gado e aves para o venerável perante Ptah-Sokar, Iti, filho de Wadj.

Além dos modelos, foram encontradas no túmulo contas de diversos modelos e materiais. Analisados em conjunto, os artefatos localizados na tumba situam seu proprietário em uma camada social de intermediária a elevada. Foram resgatados modelos de madeira, mas não há referência a joias, sendo citadas apenas contas de diversos materiais e modelos. É possível que, como a maioria das tumbas da necrópole, esta tenha sido saqueada, ou parcialmente saqueada, e que os ladrões tenham levado apenas objetos de maior valor. Não há sinais, no entanto, de que o túmulo tenha sido reutilizado em outras épocas, conforme apontado por Petrie e Brunton nos relatórios de escavação (PETRIE *et al*, 1923, p. 34).

Não há relatos, por parte de Petrie e Brunton, sobre tumbas de indivíduos de classes mais baixas, simplesmente escavadas a pouca profundidade e com pouco ou nenhum enxoval funerário. Estas, no entanto, deveriam existir e estar situadas em uma área específica, assim como acontecia em outros cemitérios no Egito antigo.

Desvendando a tumba 10A

Os modelos de madeira também foram encontrados em grande número em uma tumba localizada por uma equipe do Museu de Belas Artes de Boston e da Universidade de Harvard, em 1915. Trata-se do túmulo de Djehutynakht, em Deir el-Bersha, cerca de 280 km ao sul do Cairo. Djehutynakht foi nomarca do nomo da Lebre, o décimo quinto do Alto Egito, cuja capital era Hermópolis. O principal deus cultuado no nomo era Djehuty, o Toth dos gregos (FREED *et al*, 2009, p. 91).

A necrópole de Deir el-Bersha está localizada na margem oeste do rio Nilo, em frente à cidade de Hermópolis. As tumbas do local vinham sendo saqueadas constantemente desde a antiguidade e no início do século XX a situação parecia ter se agravado. A equipe do Museu de Belas Artes de Boston e da Universidade de Harvard, liderada pelo arqueólogo George Andrew Reisner, chegou ao sítio no dia 17 de março de 1915 (FREED *et al*, 2009, p. 95) e até o dia 26 de abril tudo o que encontraram foram tumbas saqueadas, com pouco ou nenhum material funerário.

As escavações no poço que leva à tumba do nomarca Djehutynakht tiveram início neste mesmo dia (FREED *et al*, 2009, p. 97). A superestrutura da tumba foi completamente destruída, mas parecia ser uma estrutura padrão do Reino Médio naquela província, ou seja, uma construção em um penhasco com uma câmara interna e uma externa. Havia dois poços para enterramento, sendo um principal (10A) e um secundário (10B). Neste último, foi inumada uma mulher, Satmeket, cujo grau de parentesco ou nível de relacionamento com Djehutynakht é desconhecido (GRAJETZKI, 2007, p. 49; FREED *et al*, 2009, p. 99). Uma planta esquemática da tumba 10A, adaptada da obra de Edward L. B. Terrace, pode ser vista na figura 2.

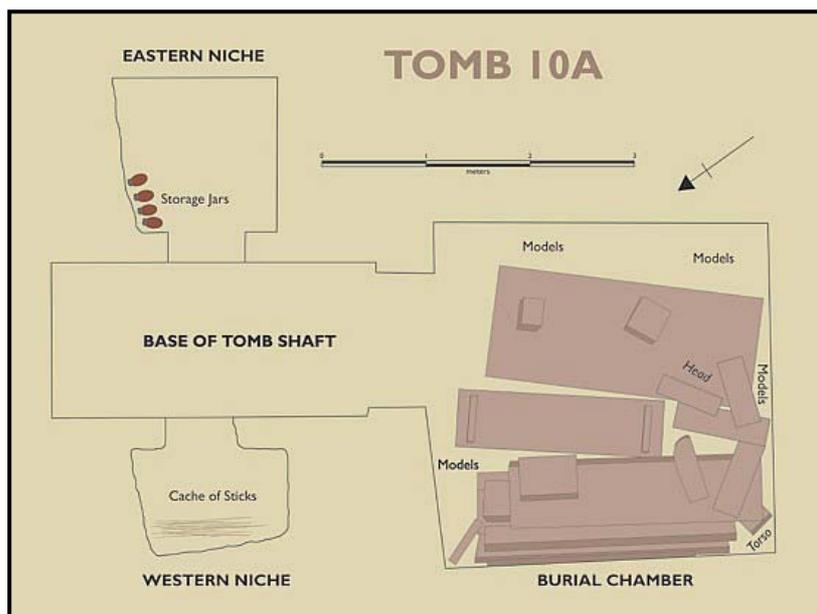


Figura 2: Planta esquemática da tumba 10A, adaptada por Jennifer Marsh, do Museu de Belas Artes de Boston da obra *Egyptian Paintings of the Middle Kingdom*, de Edward L. B. Terrace. Referência: FREED, Rita E. *et al.* **The secrets of the tomb 10A. Egypt 2000 BC.** Boston: MFA Publications, 2009. p. 190.

A areia ao redor da tumba não havia sido remexida recentemente, o que levou a equipe de escavação a pensar que talvez estivesse intacta, mas restos de corda, peças de modelos de madeira e outros bens funerários danificados deram a perceber que o local havia sido saqueado. Hanford Lyman Story, do Departamento de Antiguidade Clássica do Museu de Belas Artes de Boston, e que era o responsável pela escavação durante a ausência de Reisner, já estava desanimado quando Said Ahmed Said lhe disse que o conteúdo da câmara funerária parecia promissor (FREED *et al.*, 2009, p. 97-8).

Said, nas palavras de Reisner, era o melhor escavador que trabalhava naquela expedição (FREED *et al.*, 2009, p. 95). E ele não se enganou quando avisou a Story sobre o conteúdo da tumba. A câmara funerária de Djehutynakht continha a que talvez seja a maior coleção de modelinhos de madeira de todo o Reino Médio: mais de 55 barcos, pelo menos 33 “cenários”, e mais de uma dúzia de pequenas figuras individuais de portadores de oferendas (GRAJETZKI, 2007, p. 113-4). Os modelos não apresentam a mesma qualidade daqueles encontrados na tumba de Meketre, mas o que surpreende é o número de representações. Dentre os “cenários”, há oito exemplares de cenas de homens trabalhando em um celeiro, cada um dos quais incluía originalmente três figuras masculinas; três exemplares de cenas da fabricação do pão e da cerveja; nove representações de um homem alimentando à força um bovino; duas cenas de tecelagem; uma carpintaria; duas cenas com

homens fabricando tijolos; e duas mostrando soldados em marcha. Um exemplo destes modelos pode ser visto na figura 3, que mostra uma cena de tecelagem.



Figura 3: Modelo de madeira com cena de tecelagem, proveniente da tumba de Djehutynakht. Referência: FREED, Rita E. *et al.* **The secrets of the tomb 10A. Egypt 2000 BC.** Boston: MFA Publications, 2009. p. 163.

Quanto aos modelos de barcos, sete representam barcos de papiro (geralmente funerários) e os outros são de barcos de madeira, usados para passeio ou trabalho. Como parece ser padrão para esta tumba, normalmente há dois exemplares de cada modelo (GRAJETZKI, 2007, p. 114). Talvez isto esteja relacionado ao fato de que a esposa de Djehutynakht, que também se chamava Djehutynakht, foi enterrada junto com o marido. Um modelo de barco funerário proveniente da tumba é mostrado na figura 4.



Figura 4: Modelo de barco funerário proveniente da tumba de Djehutynakht. Referência: FREED, Rita E. *et al.* **The secrets of the tomb 10A. Egypt 2000 BC.** Boston: MFA Publications, 2009. p. 174.

Ainda com relação aos modelos de madeira, havia na tumba oito estatuetas de mulheres carregando cestas na cabeça, algumas vestidas e outras nuas, todas diferentes em seus trajes e estilos de penteado; uma estatueta de madeira de uma mulher, muito bem trabalhada, que pode representar a esposa de Djehutynakht; e pelo menos doze homens portadores de oferendas, dentre os quais um escriba e um sacerdote.

Havia ainda na tumba cinco ataúdes, sendo dois de Djehutynakht e três de sua esposa, e um vaso canópico, confeccionado em cartonagem e com forma humana, com duas pernas e dois pés. Foi encontrada também uma tampa de vaso canópico, na forma de uma cabeça humana, e uma das caixas utilizadas para guardar os vasos. Quanto às múmias do casal, apenas partes foram localizadas: uma cabeça masculina, possivelmente de Djehutynakht; e o torso de uma múmia feminina. Os vestígios de duas máscaras funerárias, uma de madeira e a outra de cartonagem, também foram encontrados. Os ataúdes foram os artefatos que mais chamaram a atenção da diretoria do Museu de Belas Artes de Boston, sendo expostos já em 1919, quando de sua chegada ao museu (FREED *et al.*, 2009, p. 100).

Com relação às joias, apenas fragmentos foram localizados, mais uma prova de que a tumba havia sido saqueada. Dentre estes, temos: contas, terminais de colares, um fragmento de um colar de conchas, e um escaravelho. A tumba continha também cerca de 250 cetros e bastões cerimoniais e dois grandes remos de madeira. Faziam parte do enxoval funerário de Djehutynakht, ainda, caixas, pães, alimentos em miniatura feitos de cartonagem, quatro pequenas mesas de madeira com furos para miniaturas de vasos em faiança, vasos diversos e materiais para tecelagem (GRAJETZKI, 2007, p. 117).

Uma dúvida que persiste desde a escavação é quanto à datação da tumba. Segundo Grajetzki (2007, p. 49), Djehuty-nakht foi nomarca do nomo da Lebre entre os reinados de Senusret II e Senusret III. Discussões baseadas no estilo artístico dos modelos de madeira, no entanto, a datam do início do Reino Médio, provavelmente entre os reinados de Mentuhotep II e Amenemhat I, sendo então contemporânea à tumba de Meketre em Tebas (FREED *et al.*, 2009, p. 186). Os vestígios arqueológicos, como por exemplo os escaravelhos, confirmam esta data, bem como os ataúdes e as inscrições presentes nos mesmos⁷.

Outro aspecto de interesse, especialmente para este trabalho, é relacionado ao conteúdo da tumba. Este, bem como os títulos ostentados pelo proprietário, o incluem

entre os níveis mais altos da sociedade. Djehutynakht portava o título de “Grande Chefe do Nomo”, e mandou confeccionar, para a sua morada de eternidade, todos os equipamentos necessários para uma vida agradável no outro mundo. Ao contrário do que acontece na tumba de Ini, por exemplo, Djehutynakht foi enterrado junto com sua esposa, que tinha o mesmo nome do marido. Os modelos de madeira aparecem geralmente aos pares, e é possível que este fato esteja relacionado justamente a este enterramento duplo. A exposição pública de Djehutynakht, diferente do que acontece com Ini, envolvia pelo menos um membro de sua família, do qual, infelizmente, poucas informações restaram.

Considerações Finais

Do universo de tumbas aqui discutido, pertencentes em sua maioria a uma elite administrativa, podemos concluir que havia uma primazia em relação ao chefe da família nestes enterramentos. A eles cabiam as maiores honrarias, enquanto suas esposas e filhos recebiam uma atenção secundária. Era a ele também que se direcionava o culto funerário, e toda a estrutura era construída de maneira a transmitir ao público uma imagem idealizada de um indivíduo em um âmbito privado.

Dentre as outras tumbas analisadas, a de Meketre impressiona pela qualidade dos modelos de madeira que foram nela localizados. Meketre foi chanceler do Rei do Alto e Baixo Egito no início do Reino Médio, durante cerca de três reinados consecutivos, ocupando uma posição de grande prestígio. Winlock faz menção, em seu relatório, a um inspetor dos armazéns de Meketre, de nome Uah, que foi inumado em um túmulo junto ao de seu chefe, e a um filho, Inyotef, que estaria em uma câmara secundária. Todas as honras, no entanto, estão voltadas para Meketre, para quem foram confeccionados os modelos e a quem eram destinadas as oferendas funerárias.

O mesmo acontece na tumba de Ini. Este, conforme apontam seus títulos, era uma pessoa de grande prestígio e que ocupava a maior posição hierárquica possível em uma província. Ele não se apresenta apenas como “Grande Chefe do Nomo”, que seria o correspondente a nomarca, mas também como “Tesoureiro do Rei do Baixo Egito” e “Companheiro Único”, o último título com função essencialmente honorífica. Em sua tumba não foram encontradas menções a outros membros de sua família, nem mesmo a uma possível esposa. A demonstração de seu poder privado em uma esfera pública, contudo, está presente na qualidade de confecção dos artefatos que integravam seu enxoval funerário, bem como na sua representação imagética, uma estátua de madeira muito bem

confeccionada, na qual Ini é representado portando um bastão, que indica sua alta posição hierárquica.

Dentre os exemplos apresentados, um caso que merece ser analisado em separado é o de Djehutynakht. Este foi enterrado junto com sua esposa, da qual não temos uma informação precisa sobre títulos ou ascendência. Fica claro, no entanto, que as honras eram divididas entre os dois, já que no caso dos modelos de madeira, por exemplo, havia dois exemplares de cada um. O culto ao casal deveria ser realizado em conjunto, na câmara externa da tumba, que deveria funcionar também como capela funerária. Verifica-se, neste caso, uma primazia do casal em relação aos filhos e outros membros da família. Apenas de Djehutynakht nós conhecemos os títulos, já que com relação à esposa nada neste sentido foi encontrado. De certa maneira, então, o proprietário é a figura central do enterramento, ficando sua esposa em segundo plano.

Por último, vale ressaltar o proprietário da tumba N17 da necrópole de Lahun, sobre o qual poucas informações restaram. Sua tumba, saqueada ainda na antiguidade, não trazia menção alguma a outros membros de sua família, e nem mesmo sua identificação é certa. No entanto, a demonstração de seu poder na esfera pública pode ser analisada por meio dos modelos de madeira localizados na tumba. Sendo a única da necrópole a conter estes bens funerários, é possível verificar que o proprietário era uma pessoa de grande influência e que deveria ocupar um cargo de confiança na administração de Senusret II, ou mesmo de um faraó anterior da XII Dinastia.

É preciso levar em consideração, no entanto, que a maior parte dos enterramentos aqui discutidos era de apenas um indivíduo, existindo por esse motivo apenas uma câmara funerária e um conjunto de objetos que formava o enxoval funerário do falecido. Assim, devido ao pequeno número de exemplos analisados, e buscando fugir de uma generalização feita a partir de dados provenientes apenas de uma elite social e administrativa, somente é possível afirmar que quando analisadas no conjunto, as tumbas aqui apresentadas nos permitem concluir que havia uma primazia do proprietário da tumba em relação aos outros membros de sua família, seja na constituição da estrutura ou na composição do enxoval funerário.

Referências bibliográficas

DONADONI, Ana Maria et al. **Il Museo Egizio di Torino**. Guida alla lettura di una civiltà. Novara: Instituto Geografico De Agostini, 1996.

FREED, Rita E. *et al.* **The secrets of the tomb 10A. Egypt 2000 BC**. Boston: MFA Publications, 2009.

GRAJETZKI, Wolfram. **Burial customs in ancient Egypt**. Life and death for rich and poor. London: Duckworth, 2007.

PETRIE, W. M. Flinders & BRUNTON, Guy & MURRAY, Margaret A. **Lahun II: the pyramid**. London: British Scholl of Archaeology in Egypt & Bernard Quaritch, 1923.

QUIRKE, Stephen. **Lahun: a town in Egypt 1800 BC, and the history of its landscape**. London: Golden House Publications, 2005.

WINLOCK, Herbert Eustis. **Models of daily life in ancient Egypt from the tomb of Meket-re at Thebes**. Cambridge: Harvard University Press, 1955.

¹ Artigo publicado no CD com Anais do I Encontro Internacional e II Nacional de Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo, realizado em conjunto com a IX Jornada de História Antiga, do Núcleo de Estudos da Antiguidade da UERJ, em 2010.

² Historiadora; Mestre em História Antiga pela Universidade Federal Fluminense. Professora do Curso de Especialização em História Antiga e Medieval da Pós-Graduação ITECNE, Curitiba – PR. Membro do Grupo de Estudos Egíptológicos Maat (GEE-MAAT) e do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (CEIA), da Universidade Federal Fluminense. E-mail: lilianemeryt@hotmail.com

³ As datas seguem a cronologia proposta por BAINES, John & MÁLEK, Jaromir. *O mundo egípcio: deuses, templos e faraós*. Madri: Ediciones del Prado, 1996. v.1. p.36.

⁴ As escavações foram dirigidas por Ernesto Schiaparelli nos anos de 1910, 1911, 1914 e 1920, e por Giulio Farina em 1930, 1935 e 1937.

⁵ A dúvida se deve à tumba N17, na qual foi identificado o possível nome do proprietário. A base de modelo de madeira com o nome, no entanto, poderia pertencer a outra pessoa, como um amigo do dono da tumba, que ofereceu o modelo ao proprietário. (QUIRKE, Stephen. *Lahun: a town in Egypt 1800 BC, and the history of its landscape*. London: Golden House Publications, 2005, p. 27).

⁶ A tradução das inscrições aqui apresentada foi realizada por Liliane Cristina Coelho.

⁷ Uma discussão interessante sobre a datação da tuba 10A está em: BERMAN, Lawrence *et al.* Dating tomb 10A. *In*: FREED, Rita E. *et al.* **The secrets of the tomb 10A. Egypt 2000 BC**. Boston: MFA Publications, 2009. P. 183-188.